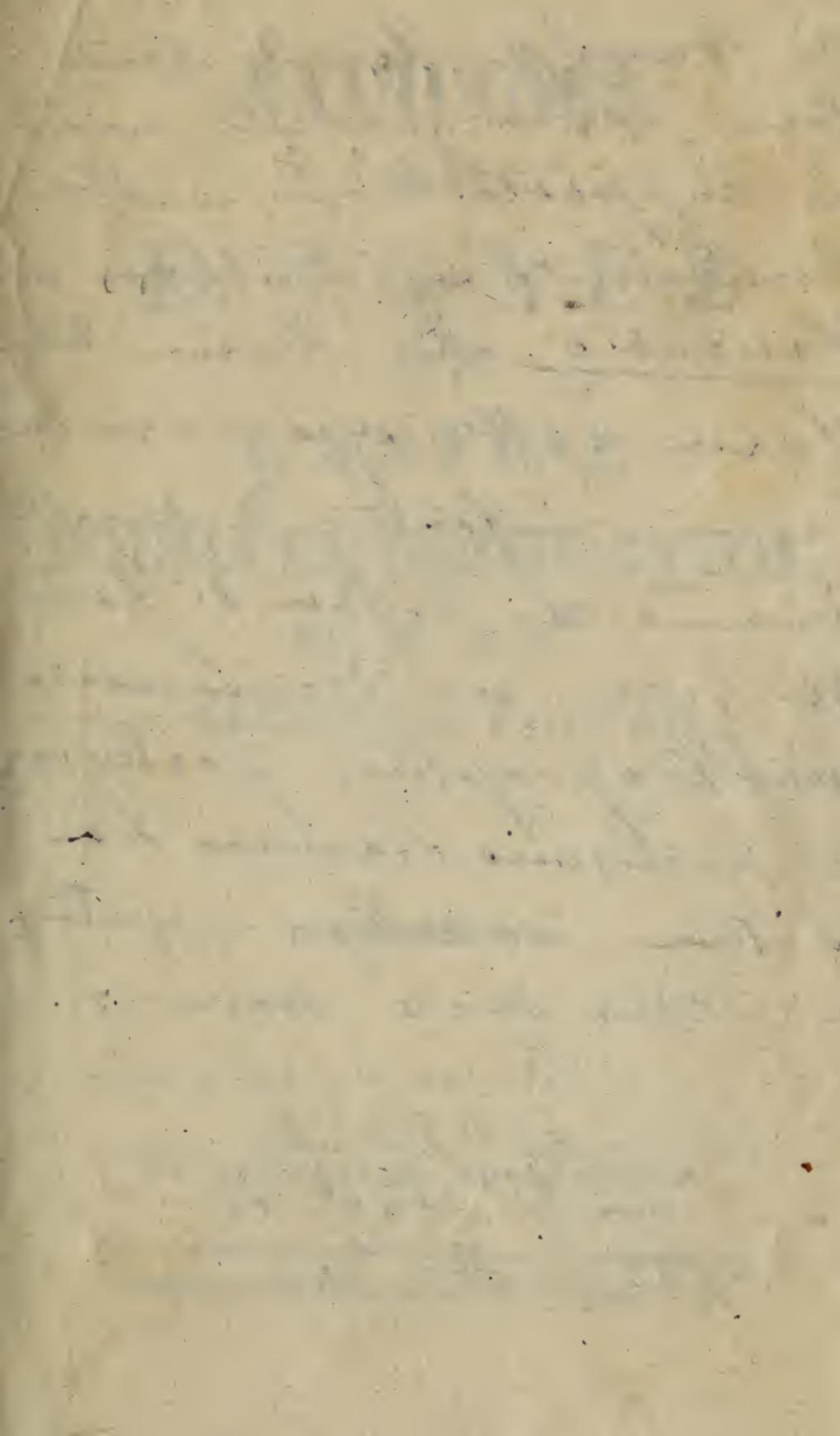


5
RB168,980



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

24773



(1) Manuel de Almeida Monteiro.
Parece provável que este autor
é suposto. Com melhores
fundamentos se atribuem as
Saudades a D. Maria de
Lara e Moregos, casada
com o infante D. Duarte,
irmão de D. João
IV. Vêja no dicionário
Bibliographia portuguesa
de Júlio César França da
Silva, os artigos respetivos
a estes dois nomes.

F. Gomes de Almeida.
A 70 liras furamente vendeu-se
a 2.ª edição de 1764 p. 15 florins.
Mas de certa?

SAUDADES
D E
D. I G N E Z
D E
C A S T R O,
POEMA EM DOUS CANTOS.

POR M. DE A.⁽¹⁾

SEGUNDA EDIÇAÕ.



L I S B O A,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1 8 2 4.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

PRINCIPAL

29

EXHIBIT C

29

EXHIBIT D

EXHIBIT D

29

EXHIBIT D

29

29

29

29

29

29

29

29

S A U D A D E S

D E

D. IGNEZ DE CASTRO.

C A N T O I.

1.

Era na meia idade ; a que chegava
Em fragoas de Sapphir o Sol , que ardia ,
E nas azas dō tempo , que passava ,
Icaro de seus raios era o dia :
Quando pois com as chainmas se abrazava ,
Que morrer incendido entaõ queria ,
Sendo por renascer com novo alarde ,
Em cinzas de rubim Phénis da tarde.

2.

Na lisongeira planta se enlaçava
Cortez o vento com gentil porfia ,
E nos jardins a rosa , que encalmava ,
Em berços de esmeralda adormecia :
A simples avesinha se banhava
No murmureo correr da fonte fria ,
Renovando na vista o doce alento ,
Narciso nos crystaes , Orpheo no vento.

Mas Ignez só , que por penar vivia ,
 Naufragava em soluços cada instante ,
 Ignez , aquella Ignez , que amor fazia
 Por lhe dobrar as magoas mais constante :
 A quella em cujas graças competia
 Ser formosa , discreta , e ser amante ,
 Em cujas prendas naõ tiveraõ parte
 Artificios da industria , invenções da arte :

A que nos dotes da alma taõ possante ,
 Discreta , grave , terna , e generosa ,
 Que da mesma belleza sendo Atlante ,
 Tinha por menor prenda o ser formosa :
 Nos donaires do talhe taõ galante ,
 Nos alinhos da graça taõ vistosa ,
 Que topando na culpa de Narciso ,
 Fôra sem culpa seu discreto aviso.

Mas qual o passarinho descuidado ,
 Lisonja mais gentil da tenra idade ,
 Foi das mãos do menino aprisionado ,
 Que lhe roubou no laço a liberdade :
 Que quando delle mais galanteado ,
 Experimenta no mimo a crueldade :
 E quando a côr das pennas lhe contenta ,
 Nas que lhe tira mais lhas accrescenta .

Tal Ignez na manhã dos teñros annos,
 Nas primeiras auroras da esperança ,
 Deo nos laços de amor , doces enganos ,
 Do vendado rapaz linda vingança :
 Mas os golpes da Parca deshumanos
 A belleza por flôr em flôr alcança ,
 Experimentou na sempre amarga sorte
 Por mãos do Deos do amor armas da morte.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados
 As finezas de Pedro , que a beldade
 Nelle soube trazer aprisionados
 Sceptro , Corôa , vida , e liberdade ;
 Entre ambos tinha amor já taõ ligados
 Os soltos alvedrios da vontade ,
 Que foi nelles baldado , e fci perdido
 Nascer Antéros por crescer Cupido.

Mas oh ! tyranna , dôr amor inventa !
 Forçosa foi de Pedro a dura ausencia ,
 Atropos da alma , que da pena isenta ,
 Nella sabe sentir mortal violencia :
 Como preso , partir-se Pedro intenta ,
 E sente na alma Ignez nova inclemêcia ;
 Que quer a sorte , pois amor ordena ,
 Onde naõ chega a morte , offendendo a pena.

Quantas vezes, Ignez, no pensamento
 Este desar notaste a teus favores?
 Quantas vezes, Ignez, na maõ do vento
 Os vistes, e vês agora, e verás flores:
 Tanto nas affeições, gosto avarento,
 Este pezar sentiste em teus amores,
 Que naõ posso dizer, que neste emprego
 Estavas, linda Ignez, posta em socego.

Entre os braços de Pedro, ardente fragoa,
 Se encosta Ignez sem vida, e sem sentido,
 Que multiplica a dôr, e dobra a magoa
 Lograr presente o bem, que he já perdido;
 Dos olhos sólta dous chuveiros de agua,
 Oceanos de neve, onde Cupido
 Quiz da belleza já colhendo as velas,
 Chegassee a tempestade até as Estrellas.

Qual em berços de purpura vistosa,
 Delicias da manhã, da tarde empreza,
 Dos melindres de flôr enferma a rosa,
 Desmaiado o verdor, murcha a lindezâ:
 Pois a que foi de Abril pompa lustrosa,
 Livro do amor, emblema da belleza,
 Perde a graça por vêr que o Sol lhe talha
 Do mesmo carmesim gala, e mortalha.

Tal do fogo de amor na immensa calma
 A côr Ignez perdeo , que amor ordena ,
 Os desmaios , que tinha impressos na alma ,
 Trasladasse no rosto a viva pena :
 Já despojo da dôr , da magoa palma ,
 Com respirar de flôr , arde assucena ,
 Exhala nova dôr ao pensamento ,
 Em saudosos ais o doce alento.

Ai ! caduco prazer , diz lastimada ,
 Esperança de hum bem doce tormento ,
 Ai ! que por verde murchas apressada ,
 Primavera do amor , da dôr portento :
 Ai ! melindrosa flôr agonisada ,
 Despojado jasmim de qualquer vento :
 Que quando nasce traz na mesma alvura
 Gala , mortalha , berço , e sepultura .

Ai ! que chegas , oh dia ! em que amor tira
 Duas almas de hum peito ! oh noite fria !
 Oh noite , digo , porque a quem suspira ,
 Foge a luz , morre o Sol , acaba o dia :
 A boca , de que hum ai , outro ai retira ,
 Já cansando , mais baixo repetia ,
 Parai , Senhor ; mas hum soluço ardente
 Suffoca o par , repete o ai sómente .

Parai , torna a dizer , meu gosto amado ,
 Gloria desta alma , em quanto gloria tinha ;
 Mas ai allivio meu , ai meu cuidado !
 Como podeis parar se he gloria minha !
 Mas se destina o Ceo , e manda o fado ,
 Esta alma castigar , que amor māntinha ,
 Deixai-me a vossa , porque a sorte ordene ,
 Mais almas tenha , porque assim mais pene .

Mas naõ , que he contra amor esta porfia ,
 Mas naõ , que deixo amor nisto aggravatedo ,
 Muitas almas naõ quero , que seria
 Repartir o tormento a meu cuidado :
 Mas se a pena permitte a companhia
 Nesta ausencia cruel , oh triste fado !
 Antes que a dôr ma roube da partida ,
 Levai-me , vida minha , a minha vida .

Só comvosco , Senhor , irá segura ,
 Sem que mortal achaque lhe aconteça ;
 Porque talvez do fado a sorte dura
 Fóra deste meu peito a desconheça :
 Nem poderá temer minha ventura ,
 Que sombra de pesar vos entristeça :
 Pois farei no tormento mais esquivo
 Correr por conta d'alma o sensitivo .

18.

Se só para viver na lei de amante ,
 Forçosa seja a vida repetida ;
 Ai ! Senhor , que naõ pôde ser bastante
 Para viver ausente huma só vida :
 Porém se amor de vidas taõ possante ,
 Huma nos deo para ambos repartida ,
 Posto que a dôr entre ambos se accommoda ,
 Melhor vós partireis levando-a toda .

19.

Cá me fica outra vida , que naõ passa ,
 Com que padeça morte repetida ;
 Que quer amor tyranno , que renasca
 Huma vida das cinzas de outra vida :
 Que como taõ crueis penas me traça ,
 Como me traz em fogo convertida ,
 A acabar , outra Phenis , me condena ,
 Morrendo em cinzas , renascendo em pena .

20.

Ah ! quem cuidára , Amor , que meus amores
 Fossem fingidas sombras mentiroas ?
 Ah ! quem cuidára , Amor , que em teus favores
 Fossem mais os espinhos , do que as rosas :
 Mas depois que triumpho a teus ardores ,
 Foraõ de Marte as armas generosas :
 Taõ guerreiro ficaste , ufano , e forte ,
 Que bem pôdes matar a propria morte .

Mas pois forçosamente me condemna,
 A que vos ausenteis, ah tyrannia!
 Deixai, deixai, Senhor, deixai-me a pena,
 Porque só della quero a companhia:
 Na noite mais escura, ou mais serena
 (Que para ausentes nunca nasce o dia!)
 Chorarei permittindo-o minha estrella,
 Mais do que a saudade, a causa della.

Nas remontadas penhas, nas visinhas
 (Se restar a meus ais penhasco possa)
 Vos buscaráõ, Senhor, lagrimas minhas,
 Minhas, se pôde ser, sendo a alma vossa:
 De meus annos a flôr entre as espinhas
 Passarei sem perder esta fé nossa;
 Mas antes perderáõ seu bruto alento
 O mar, o fogo, o ar, a terra, o vento.

Mas oh! que he tal a dôr de meus retiros:
 E taõ firme na lei da tyrannia,
 Que vendo que me assistem meus suspiros,
 Talvez delles me roube a companhia:
 Mas inda mais, e mais acerbos tiros
 Contra mim fulminar amor porfia;
 Pois sem dar attenções á minha queixa,
 Por mais só me deixar, sem mim me deixa.

Qual , quando na manhã naufraga o dia
 Nos undosos cristaes , que o Ceo desata ,
 O jasmim desmaiado se agonia.
 Dos achaques da gotta , que o maltrata ,
 Em desares trocando a galhardia ,
 Icaro já nas aguas se retrata ,
 O que lisonja foi taõ prateada ,
 Se no prado jasmim , nas ondas nada.

Tal Ignez já de lagrimas banhada ,
 De seus olhos gentís mortaes desares ,
 Que quiz a natureza acautelada
 Que o Occaso de dous Soes fossem dous mares:
 Exhalava de todo agonizada
 O suspiro final a seus pesares :
 Que com vir entre lagrimas undosas ,
 Inda na boca achou maré de rosas.

Já Pedro em fim rendido a seu cuidado ,
 A dôr quer disfarçar a seu retiro ,
 Que como o caraçaõ tem já quebrado ,
 Hum pedaço lhe traz cada suspiro :
 E como em fim no peito agonisado
 Sente da mortal frecha o novo tiro ,
 Notando Ignez no pranto de seu rego ,
 Exhala em agua , quanto bebe em fogo .

Naõ chores , diz , formosa Ignez , agora
 Ficar ausente sem partir comigo ;
 Que se és vida da minha , que te adora ,
 Na alma te levo por viver comtigo :
 Naõ pretendo ausentar-me hoje , Senhora ,
 Suposto que partir-me em fim prosigo ;
 Que se as almas trocar amor consente ,
 Nem tu só ficas , nem me parto ausente .

O corpo só se ausenta , a alma naõ parte ;
 Que em fim naõ vivo de potencias suas ;
 Que como me alimento só de amar-te ,
 Bastaõ para viver memorias tuas :
 E porque amor nos tiros , que reparte ,
 Fulmina contra mim frechas mais cruas ,
 Quando a vida me rouba , outra me ordena ,
 Que fôra em fim matar-me a menor pena .

Mas nota , Ignez formosa , esta fineza ,
 A fazer impossiveis offerecida ,
 Pois que contraminando a natureza ,
 Teu mesmo amor me mata , e me dá vida :
 Mas como amor notou nessa belleza
 Os impossiveis só de merecida ,
 Quiz tomar por razaõ força infallivel ,
 Obrar por alcança-la outro impossivel .

Bem vês agora, Ignez, como abrazado
 Nos vivos holocaustos de meu peito,
 Meu coraçaõ consagro a teu cuidado
 Em victimas de lagrimas desfeito:
 Agora alcançarás, como alentado
 Todo me sacrifico a teu respeito,
 Pois chego a consagrar, e em viva calma
 Sangue do coraçaã, reliquias da alma.

Succeda á primavera o secco Estio,
 Á serena manhã tarde calmosa,
 Seja manso regato, quem foi rio,
 Sejaõ seccas reliquias, quem foi rosa:
 Seja, quem cravo foi, cadáver frio,
 Seja quem foi jasmim cinza olorosa,
 Seja tudo á mudança em sim sujeito,
 Que amor firme será dentro em meu peito.

Nessas gentís madeixas da beldade,
 Em cuja luz do Sol o Sol se nega,
 Onde feito pirata da vontade
 Nas crespas ondas sempre amor navega:
 Nessas digo captiva a liberdade
 Em refens minha fé por fé se entrega:
 Nellas deixo por sim com meus alentos
 Alma, cuidados, vida, e pensamentos.

Adeos delicia minha, adeos cuidado,
Adeos Senhora, adeos, que amor consente,
Que parta em fim nas magoas sepultado,
Se partir posso de mim mesmo ausente:
Adeos, que amor nos tinha decretado
Esta ausencia cruel, forçosa, urgente;
Mas ai! formosa Ignez, que em vaõ me queixo,
Adeos, que em fim me parto, em fim te deixo.

Já se remonta Pedro a seus retiros,
E já de morte em morte Ignez discorre,
Que como entrega a vida a seus suspiros,
Quantas vezes suspira, tantas morre:
O coraçaõ sentindo acerbos tiros
Pelos olhos sangrado em cristaes corre.
Mas oh! que no sangrar-se em vaõ se cansa,
Porque em cada sangria huma alma lança,

Qual na secca vergóntea desfolhada,
Que despojo restou da tempestade,
Se lamenta em requebros lastimada
A casta rola posta em soledade:
Soluça, pasma, e gême agonisada,
Chora, suspira, anhela em cruidade,
Que seu pesar lhe tem no peito unidos
Rigores, magoas, lastimas, gemidos.

36.

Tal lastimada chora Ignez saudosa,
 No seu mesmo tormento sepultada;
 Nos desvéllos do dia cuidadosa,
 Nos descuidos da noite desvelada:
 Já se queixa em suspiros lastimosa,
 Fórmā razões dos ais agonisada:
 Que fez para queixar-se em seus retiros
 Embaixadores da alma seus suspiros.

37.

Oh! quanto foi de ti teu Pedro amado,
 Formosa Ignez, mas inda mais sentido,
 Pois sendo grande a gloria de logrado,
 Hojo he maior a magoa de perdido:
 Foi teu prazer á pena apensionado,
 He teu pesar na pena desmedido:
 Entaõ foraõ de rosas teus favores,
 Ágora saõ de lirios teus amores.

38.

Já nos braços da Aurora, que assomava,
 Renascido chora o novo dia,
 Quando Ignez saudosa entaõ negava
 A seu triste pesar a companhia:
 Á solidaõ do campo se apartava,
 Onde só lamentava, e só gemia;
 Porque mais no rigor de seus retiros
 A piedade faltasse a seus suspiros.

Entre flores inquire o doce amado,
 Presente em cada flôr o considera,
 E dando hum breve encanto a seu cuidado,
 Busca nas flores, quanto em flôr perdêra:
 Corre de flôr em flôr, de prado em prado,
 Tópa só magoas, donde gosto espera;
 Que forão seu prazer, e seus favores,
 Perdas choradas, quando apenas flores.

Procura em cada planta, o que anhelava;
 Porque seu tormento engano escolha;
 Mas oh! que em seu pesar escrito achava
 Lições para sentir em cada folha:
 Já nas liquidas perlas, que chorava,
 Penhascos, plantas, prado, e folhas molha,
 E na lembrança já de hum bem perdido
 Lhe interrompe hum gemido outro gemido.

Qual o menino fica enternecido,
 Entre perplexidades pasmadinho,
 Quando no verde prado enternecido
 Lhe foge o gosto atraz de hum passarinho:
 Já soluça, já pasma esmorecido,
 Já busca cada flôr, cada raminho,
 Já melindrosos ais, mimoso alento
 Apoz o passarinho leva o vento.

Tal Ignez na penosa tyrannia
 Entre flores inquire o doce amado ,
 Mas foi lisonja só da fantasia ,
 Pois mais se nega hum bem , quando buscado :
 Já queixosa das flores se desvia ,
 Já nas queixas diverte o seu cuidado ,
 E nos alentos da alma , com que espira ,
 Já soluça , já pasma , já suspira .

Na margem de huma fonte se encostava ,
 Que já clara correo com seus favores ,
 E se delles travessa murmurava ,
 Em lagrimas agora exhala amores :
 Ás plantas , aos penhascos se queixava ,
 Outra vez já seu mal contava ás flores ,
 Onde nos echos , que respira o monte ,
 Suspira o valle , porque chora a fonte .

Ai ! caducas bellezas , lhes dizia ;
 Ai flores ! se queixava enter necida ,
 Que sendo vossa vida de hum só dia ,
 Muitas horas contais na vossa vida :
 Mas oh ! de minha dôr mór agonia ,
 Oh morte em menor vida repetida !
 Que como em soledades só discorro ,
 Nem conto instantes , porque sempre morro .

E vós , rosas , no mimo de huma aurora
 Lograis de vosso adorno a pompa bella ;
 Que talvez por firmar vossa melhora ,
 Tivestes no nascer taõ boa estrella ;
 Mas oh ! que no pesar , que choro agora ,
 Nestes fogosos ais , que o peito anhela ,
 Escolhe minha estrella em triste sorte
 Por pena a vida , por lisonja a morte.

Vós , plantas , que sentís mudavel erro ,
 Cifrando em cada folha hum pensamento ,
 Se Dezembro lamenta vosso enterro ;
 Abril em flôr vos dá dobrado alento ;
 Mas oh ! que em meu sentir , e em meu desterro
 Eternisa hum rigor meu sentimento ;
 Pois quer amor na sorte , que me ordena ,
 Se alimente huma pena de outra pena.

E tu , bruto penhasco inhabitado ,
 Tosco sepulchro de huma clara fonte ,
 És agora de flores matisado .
 Idolо de cristal , gala do monte :
 Mas oh tyranna dôr ! que meu cuidado
 Hoje lamenta o mal , que chorou honte ,
 Vendo , que teu terror com bruto aviso
 Honte foi Poliphemo , hoje he Narciso .

Mas oh queixas parai , parai cuidados ;
 Parai , façamos tregoadas pensamento ;
 Que dos males talvez comunicados ,
 Pôde nascer desar ao sentimento :
 Correi , da alma pedaços distillados ,
 Dizei lagrimas minhas , meu tormento ;
 Minhas naõ digo bem ; que juntamente
 Parai tudo no bem , que chôro ausente .

Irmanai-vos ; correi mais cuidadosas ;
 Seja vosso correr mais repetido ,
 Naõ cuideis , que vos choro caudalosas ;
 Porque deis desafogo a meu sentido :
 Que como nas memorias rigorosas
 Vossa causa lamento , que hei perdido ,
 Se talvez mitigais hum sentimento ;
 Naõ tem valor nas perdas vosso alento .

Oh ! corraõ com valor vossas violencias
 Por duplicar incendios a meu rogo ;
 Que naõ fôra querer sentir ausencias ,
 Se vos chorára só por desafogo :
 Que posto deis allivio ás inclemencias ,
 Naõ pôdeis dar allivios a meu fogo ;
 Que como sou das penas avarenta ,
 Qualquer allivio vosso me atormenta .

Correi livres , correi , que amor ordena ,
 Sejais a meu rigor ancia penosa ;
 Que naõ comprais allivios a huma pena ,
 Quando chegais a ser paga forçosa :
 Que pois amor por força me condemna
 Tributar-vos por divida custosa ;
 Mal podeis mitigar o mal , que tenho ,
 Quando sois do que devo desempenho .

Naõ me pôde obrigar outro motivo ,
 Senaõ chorar-vos só por natureza ,
 Que quer , que seja amor por excessivo
 Tributo natural , o que he fineza ;
 Que como a seu querer sujeita vivo ,
 Rendida a seu querer captiva , e presa ,
 Do pranto , que saudosa me convinha ,
 Se naõ pôde isentar a affeição minha .

Em vos sentir agora mais penosas ,
 De ser mudas razões faço argumento ;
 Que quando naõ chegais a ser queixosas ,
 Naõ limitais a dôr ao sentimento :
 Que foreis só lisonjas enganosas ,
 Mas naõ crueis verdugos ao tormento ,
 Quando na voz queixosa , que formára ,
 Lastimas a meus ais solicitára .

Mais duro sentimento, mais nocivo
 No ser da alma pedaços vos confesso,
 Pois se levais a parte, com que vivo,
 A parte me deixais, com que padeço:
 Que como neste mal por excessivo
 Repartida minha alma reconheço,
 Se levais huma parte não pequena,
 A vida pôde ser mas nunca a péha.

Oh! torna atraç arroio fugitivo,
 Alma da penha, coraçao do monte,
 Torna atraç, que meu pranto successivo
 Te fará río, quando apenas fonte:
 Oh! torna atraç veloz, detem-te esquivo:
 Detem-te, espera, que meus males conte,
 Que vás talvez com prata tão custosa
 Calçar as plantas de huma ingrata rosa.

Se te vás despenhar ambicioso
 Por aspirar a creditos de rio,
 Leva meu triste pranto lacrimoso,
 Oceano será teu senhorio:
 Embarga teu correr tão cuidadoso,
 Suspende teu caudal, teu desvario,
 Que lá terás no mar onde te escondas,
 Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

Mas oh ! parai razões , tornai gemidos ,
 A dôr interpretai , que o peito sente ,
 Que talvez em meus ais por repetidos
 Os eccos ouça de quem choro ausente :
 Ai ! doce ausente meu , naõ dos sentidos ,
 Ai ! quem pudéra , amor , ter-vos presente :
 Mas deixai-me fallar , talvez que possa
 Ouvir na minha voz eccos da vossa .

Aqui , meu doce amor , meu bem querido ,
 Se me duplica a dôr ao pensamento ,
 Pois quando em vós me falta meu sentido ,
 Naõ me pôde faltar meu sentimento :
 Em vós lamenta a dôr meu bem perdido ,
 Em mim renova a dôr novo tormento ;
 Mas creio , doce amor , que sentir possa
 Menos a minha dôr , que a falta vossa .

Menos dôr , menos damno em fim tivera ,
 Menos cruel sentira o meu cuidado ,
 Quando neste rigor , que padecêra ,
 Me pudéra esquecer do que hei logrado :
 Mas ai ! que nesta dôr outra me espera ,
 E hum mal outro me traz apensinado ;
 Pois chego a padecer em meu sentido
 O mal , que passo , o gosto , que hei perdido .

Bem conheço, que posso na lembrança
 Vossas prendas lograr, meu doce esposo,
 Mas o bem, que se perde na esperança,
 Fica, quando lembrado, mais penoso;
 Mas nesta trista dôr, dura esquivança,
 Se me duplica amor mais rigoroso;
 Pois só quer meu sentido avincular-se,
 Para mais padecer, a mais lembrar-se.

Assim chorava Ignez, e assim gemia,
 Mas oh tragic dôr! rara estranheza!
 Que já tópa nas mãos da tyrannia,
 Armas sempre mortaes a belleza:
 Nas mãos de dous tyrannos já se via
 Entre crueis espadas, tosca empreza!
 Mas que rosa no campo aurora molhas,
 A que naõ falte a vida, e sóbrem folhas.

Parai, detende a furia procellosa,
 Parai, parai, detende o bruto alento:
 Que contra o fresco mimo de huma rosa,
 Ah! que sobeja hum sol, e basta hum vento?
 Mas ai, discreta Ignez, graça formosa,
 Remonta agora mais teu soffrimento,
 Que temo linda Ignez teus lindos brios
 Accrescentem coraes a tantos fiôs.

Qual nas tecidas sylvas de espessura,
 Labirinto de espinhas intrincado
 Com balidos se queixa da ventura
 O simples cordeirinho aprisionado:
 Já soluça em melindres com ternura
 Das maternas delicias apartado:
 E o que mimos achou na branda hervinha,
 Acha mortal rigor em cada espinha.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos,
 Quantas vozes no peito articulava,
 Em quanto os dous algozes fementidos
 As mãos lhe prendem, com que amor matava:
 Já fugindo os alentos aos sentidos,
 O soluçar as vozes lhe embragava:
 Mas oh! que amor lhe deo no pensamento
 Razões ao pranto, voz ao sentimento.

Ai tyrannos crueis! oh sorte dura!
 Entre suspiros, diz agonizada,
 Que delicto commette a formosura,
 Com que possa a belleza ser culpada?
 Oh! deixai-me esta vida em pena escura,
 Se me quereis a morte dilatada;
 Que nesta triste dôr taõ repetida
 Menos me mata a morte, do que a vida.

Oh ! suspendei sentença taõ penosa ,
 Mitigai por hum pouco a crueldade ,
 Que naõ podeis dar morte rigorosa ,
 Que possa matar mais que a saudade :
 Mas já que minha dôr menos piedosa
 Vos naõ pôde causar nova piedade ,
 Naõ me roubeis meus filhos taõ queridos ,
 Unica prenda só de meus sentidos .

Ai ! caras prendas minhas taõ queridas ,
 Reliquias de amor , da alma pedaços ,
 Ai ! como sentireis em mim perdidas
 As mimosas delicias de meus braços :
 Mas naõ pôde ser entre homicidas
 Lograr , amores meus , vossos abraços ,
 Adeos , ficai-vos já gostos amados ,
 Adeos alma , adeos vida , adeos cuidados .

Mais quizera fallar enternecida ,
 Mas oh ! indigna acção de hum peito forte !
 Hum tyranno cruel , torpe homicida ,
 Nos fios de hum punhal lhe tece a morte :
 Inclina o lacteo collo amortecida ,
 Avassalada já da infausta sorte ,
 Exhala a vida o corpo de alabastro ,
 Fenece amor com Dona Ignez de Castro .

Qual a branca assucena , que cortada
 Sente do ferro , ou tempo , a crueldade ,
 Em seu mesmo candor amortalhada ,
 Defunta flôr em flôr , na flôr da idade :
 A qual ficaõ sómente de engracada
 Os antigos rascunhos da beldade :
 Tal fica a bella Ignez amortecida
 Sem gala, luz, sem còr, graça, nem vida.

Vós agora trofeos da formosura ,
 Apparencias vitaes de ramalhete ,
 Colhei as vélas , porque a pouca altura
 Qualquer onda vos molha o galhardete :
 Olhai , que a branca rosa , flôr mais pura ,
 Acha-se berços , campás no alegrete :
 Attentai , leve flôr , belleza vã ,
 Que he mais antiga a tarde , que a manhã .

C A N T O II.

1.

Já da fatal tragedia retiradas
 As restantes ruinas da fereza ,
 Ficáraõ só no campo idolatradas
 Humas breves reliquias da belleza :
 Ausente Pedro , sem que as mal logradas
 Lamentasse memorias da firmeza ,
 Taõ ditoso nas magoas se discorre ,
 Que morre ufano sem saber , que morre.

2.

Queixosa em fim fenece a galhardia ,
 Solicita queixumes a ternura ,
 Vendo já no desdem da tyrannia
 Menos cruel a Parca , que a ventura :
 Que como qualquer dote se avalia
 Por symptoma fatal da formosura ,
 Aquella mesma dita , que entre sortes
 Cumula prendas , multiplica mortes.

À ventura se queixa , que a beldade
 Fosse causa da perda , porque unida
 Naquellas prendas da melhor idade ,
 Fez acabar rigor , o que era vida ;
 Mas a Parca tyranna por vaidade
 Solicita bellezas advertida ,
 Porque dellas talvez se naõ cuidára ,
 Morte fôra huma prenda , e só matára.

Só suspiraõ , só choraõ lastimosas
 (Què naõ pára nas queixas a fineza)
 Aquellas , que restáraõ só piedosas
 Troias do amor , reliquias da belleza :
 Aquellas , digo , prendas lacrimosas ,
 Dous Infantes gentis , que a natureza
 Deixou com vida , porque em seu tributo
 Fosse a morte da fiôr vida do fructo.

Qual nos braços da planta mais visinha
 Em roupas de rubim , cama olorosa ,
 Sentindo huma lanceta em cada espinha ,
 Sangrada no jardim fenece a rosa :
 Consagrando-se fiôr , quem foi Rainha ,
 Em vivos holocaustos sanguinosa ,
 De cujas cinzas restáõ por grinaida
 Reliquias de ouro em cofre de esmeralda.

Que pezares, que penas, que rigores
 Amor formava, cada qual sentia,
 Qual nos gemidos soluçando amores,
 Em carinhos as magoas confundia:
 Qual desmaiado no tapiz das flores,
 Se recosta trofeo da tyrannia,
 Notando aquelle peito, cujo enfeite
 Lhe troca em pena quanto foi deleite.

Quantas vezes fallando enterneidos,
 Em soluços lhe para o doce alento!
 Quantas na voz do monte repetidos
 Os saudosos ais lhe torna o vento!
 Quantas a ser naufragio dos sentidos,
 Se deriva em cristaes o sentimento!
 Pois quer a dôr querendo amor agora,
 Chorem dous Soes a falta de huma Aurora.

Alentado rigor, duplica em tiros
 Se bem globos de fogo, esféricas de agoa,
 Naõ resiste clavel, que nos retiros,
 Naõ morra espuma, e naõ feneça fragoa:
 Multiplica-se o vento nos suspiros,
 Fogosos raios lhe despede à magoa:
 Já naõ sabe nascer, nem brilhar rosa,
 Que naõ pasme defunta mariposa.

Nem tributaõ lisonjas aos sentidos
 Nestas mudas razões , que amor ordena ,
 Que sujeitos amantes desunidos ,
 Aquelle , que mais chora , esse mais pena :
 E se lagrimas saõ nos mais sentidos
 Almas do coraçaõ , bem se condemna
 Qualquer a mais sentir , pois he patente ,
 Que quem mais almas tem , muito mais sente.

A solidaõ de Pedro imaginada
 Lhe accende as almas , lhe distilla os peitos ,
 Que nem morrera Ignez , se retirada
 Naõ sentira distante os seus effeitos :
 Que como seja amor , muito apertada ,
 Se gentil , uniaõ de dous sujeitos ,
 Quando matar hum delles amor trata ;
 Sem desunir os dous hum só naõ mata.

Assim passaõ da magoa a ser espanto
 Os dous aios do mimo , os dous Cupidos ,
 Narcizo cada qual do proprio pranto ,
 Phaetontes em fim de seus gemidos :
 Se foraõ gala da belleza , em quanto
 Eraõ gentis desvélos dos sentidos ,
 Lastimas ficaõ já da tenra idade ,
 Culpas de amor , delictos da beldade .

12.

Quaes simples avesinhas , que roubadas
 Ás lisonjas de Abril mimos de Flóra ,
 Dos maternaes alentos apartadas ,
 Suspira cada qual , cada qual chora :
 As que forao do campo idolatradas
 Oraculos do Sol , linguas da Aurora ,
 De si mesmas agora occulta fragoa ,
 Concebem pena , quando abortaõ magoa .

13.

Mas já funesta voz , turbado alento
 Por linguas de metal enrouquecido
 Formava o Semideos monstro violento ,
 Gigante pela fama conhecido :
 Aquelle , cujo alado atrevimento
 Se remonta veloz , e taõ subido ;
 Porque nelle talvez o mundo veja
 Voarem penas a pesar da inveja .

14.

Lá fez a turba lastimoso effeito
 Nos alentos de Pedro , que em suspiros
 Os mais dos eccos lhe interpreta o peito
 Dobrando magoas , renovando tiros :
 Quando apenas em fin na dôr desfeito
 O coraçaõ lhe pasma , que em retiros
 Suffocado talvez da intensa calma ,
 Se isentou de correr por conta da alma .

No combate fatal deste desmaio
 (Lastimoso parenthesis da vida !)
 Tributa vivas ao mortal ensaio ,
 A sentinella da alma já vencida :
 Naõ morre Pedro , naõ , que aquelle raio
 Foi lançada de amor , que repetida ,
 Se pretende matar a quem suspira ,
 Menos o mata , se lhe a vida tira.

Assim vivendo morre , quando amante ;
 Assim morrendo vive , quando ausente ;
 Que se morre , pois pena por distante ,
 Vive tambem , pois ama , porque sente :
 Mas em fim naõ passará tanto ávante
 Nas finezas amor , que fôra urgente
 Acabar-se na vida , se a roubára ,
 E taõ fino naõ ser , senaõ matára.

Mas quem diria agora o que sentiste
 Neste Pedro de amor menos ventura ,
 Dos carinhos ausente , que já viste
 Brotar melindres produzir brandura ?
 Oh ! que dirias , Pedro , quando abriste
 A quelles dous conceitos da ternura ?
 Os olhos , digo ; mas amor ordena
 Parte das queixas interprete a pena.

18.

Já no pardo capuz , roupas saudosas ,
 Emmudecida a terra se encobria ,
 E nos hombros das nuvens tenebrosas
 Ataúdes de sombra o tempo erguia ,
 Consagrando com tochas lacrimosas
 Mudas exequias ao defunto dia ,
 Dando claros signaes a Joven louro
 Em torres de saphir os signos de ouro.

19.

Quando a favor da vida o sentimento
 Novos em Pedro reproduz gemidos ,
 Sendo sumilher da alma o novo alento ,
 Que lhe corre as cortinas aos sentidos :
 Mas já líquida dôr , claro tormento
 Se acredita nos olhos advertidos :
 Que quem nas penas solitario mora ,
 Só lhe resiste vivo , em quanto chora.

20.

Solicita retiros , em que unidas
 Se acreditaõ de finas as saudades ,
 Que saõ mais primorosas , se sentidas
 Naõ permittem motivos a piedades :
 Tributáraõ labéos de mal nascidas ,
 A naõ passarem mostras de vaidades ,
 Quando naõ foraõ mais , que eternisadas ,
 Solitarias , occultas , retiradas.

21.

E já nas solidões entretenido
 Interpreta lisonjas aos cuidados ,
 Pois vai vendo nas flores advertido
 Mortaes prendas , alinhos mal logrados :
 Mas apenas se lembra enterneCIDo
 Daquelles Soes agora imaginados ,
 Quando já vacillante se discorre ,
 Aqui pasma , alli geme , acolá morre.

22.

Qual girasol gigante , que atrevido
 A beber raios amoroso aspira ,
 Se bem que entre zeloso , e presumido
 Desdenha ufano , temeroso gira :
 Mas vendo apenas , que o galan querido
 Com disfarces de nacar se retira ,
 Porque se vê das glorias todo ausente ,
 Languido pasma , cuidadoso sente.

23.

Em fim rompe nas queixas amorosas
 Agora Pedro , quando as vê sentidas ,
 Que nãõ pódem livrar-se de penosas ,
 Quando sabem fugir a ser ouvidas :
 E só discretas saõ , se rigorosas ,
 As que menos se prezaõ de entendidas ,
 Que já por isso Pedro se as pretende ,
 He só porque a si mesmo nãõ se entende.

24.

Ai ! gloria minha , diz , gloria sonhada !
 Minha te chamo , quando assim perdida ,
 Que se naõ tens as veras de lograda ,
 O dezar naõ padeces de esquecida :
 Como , gloria , maltratas , se lembrada ?
 Como molestas , gloria , possuida ?
 Na posse logras ancia de fallivel ,
 Na memoria rigores de impossivel .

25.

Como soube deixar-me assim frustrado
 Este rigor , que gloria se habilita ,
 Quando me fez maior , que o mesmo fado ,
 Maior que amor , maior que a mesma dita :
 Quem me dissera entaõ , que este cuidado
 Fosse rosa , que apenas se acredita ,
 Quando se vê nas mãos da natureza
 Trofeo da dôr , sangria da belleza !

26.

Ai triste solidão , ai pena ingrata !
 Quanto menos cruel fôras agora ,
 Se permittindo a magoa , que maltrata ,
 Naõ roubáras a gloria , que te adora !
 Mas esta dôr naõ fôra , que assim mata ,
 Rigoroso pesar , se assim naõ fôra ;
 Pois naõ se mede o mal de quem suspira ,
 Pelo que tem , senaõ pelo que tira .

Mas inda mais avante acompanhada
 Desta dôr outra pena já me alcança ;
 Pois na magoa da perda lamentada
 Os alivios me rouba da esperança :
 Mas como , se naõ fôra eternisada ,
 Maltratára das glorias a mudança ,
 Que o pesar sem remedio padecido
 Mata porque ha de ser , e porque ha sido .

Nem pódem mitigar esta saudade
 Assistencias de amor , porque resiste
 Outra nova razaõ da soledade ,
 Que nas distancias desse amor consiste :
 Que como aquelle objecto da vontade .
 Hoje feito impossivel naõ me assiste ,
 Sendo vinculo amor entre sujeitos ,
 Naõ tendo extremos , naõ produz effeitos .

Só deixára de ser eternisada
 Esta dôr ; mas só fôra divertida ,
 Se a memoria da pena imaginada
 Naõ passára a ser pena padecida :
 Só razaõ de prazer , quando lembrada ,
 Essa gloria tivera , que he perdida ,
 E sendo assim passada na lembrança
 Soubéra ser futura na esperança .

30.

Nem queixumes de lagrimas sentidas
 Alivios pódem ser nesta saudade ,
 Que sendo partes da alma desunidas ,
 Saõ causas naturaes da soledade :
 Porque quando nos olhos advertidas ,
 Procuraõ fugitivas liberdade :
 Aquella mesma vida , que me alenta ,
 Tambem nellas partida se me ausenta.

31.

Oh quem me dera já ser assistido
 Dos penhascos talvez , que o monte cria !
 Mas quem naõ tem razões para sentido ,
 Naõ pôde ter nas mágoas companhia :
 E hum rigor por ausencias padecido ,
 Com nenhuma presença se alivia ;
 Que quem nas ancias , que padece hum triste ,
 Juntamente naõ pena , naõ lhe assiste.

32.

E menos me permitte esta esquivança
 Ser de vós assistido , lindas flores ,
 Pois por gentis emblemas da mudança
 Hieroglyphico sois de meus amores :
 E se produzis glorias na lembrança ,
 Mal podeis assistir a meus rigores ;
 Que naõ faz assistencia nos retiros ,
 Quem motiva principios aos suspiros.

Nem já , féras , talvez vossa bruteza
 Resta para topar branda piedade ;
 Mas como póde ser , se a natureza
 As noticias vos nega da saudade ;
 E no fatal rigor de huma tristeza ,
 Nos effeitos mortaes da soledade ,
 Não póde ser a dôr compadecida ,
 Sem que seja na causa conhecida.

Nem sereis , avesinhas , no saudoso
 Companheiras gentís a meus retiros ,
 Que diversos sujeitos no penoso ,
 Tem diversas as magoas nos suspiros :
 E bem se vê , que o mal todo invejoso
 Mais a mim , do que a vós fulmina os tiros :
 Pois n'hum rigor fatal hum damno esquivo ,
 Mais mata o racional , que o sensitivo.

E menos podeis ser a meus sentidos
 Deleitoso carinho na saudade ,
 Lisongeiros arroios , que atrevidos
 Solicitaes dos olhos a vaidade :
 Mas como ? se a meus ais , e a meus gemidos
 Multiplicais melhor a soledade ;
 Pois em vós retratado , e descontente ,
 De mim mesmo me vejo estar ausente.

36.

Mas ainda assim parai , que se melhora
 Nestas lagrimas minhas vosso aumento ,
 Se professais correntes , como agora
 Sabeis livres fugir ao sentimento :
 Parai , naõ murmureis , que nisso fôra
 Muito mais conhecido vosso alento ;
 Olhai que se condemna , ou se aventura ,
 A naõ fazer remances quem murmura.

37.

E vós parai nas queixas amorosas ,
 Galantes cortezãos da soledade ,
 Que naõ fazeis os pontos de queixosas ,
 Quando dais tantas falsas na saudade :
 Parai , digo , a meus ais , parai piedosas ,
 Parai nos quebros , tende a liberdade ,
 Aprendereis a ser nestes retiros
 Hum Phénis cada qual de meus suspiros.

38.

Parai gentís emblemas da vaidade ,
 Flores , digo , parai , parai saudosas ,
 Naõ bebais presumpções , que a pouca idade
 Sereis de meus incendios mariposas :
 Aprendei dos alinhos da beldade ,
 De vossa vida , digo , a ser piedosas ;
 Que sempre foi nas regras da ternura
 Mui capaz de lições a formosura.

Parai , feras , tambem nesses ruidos ,
 Guardas do monte , archeiros da fereza ,
 Fazei caso das penas , que os bramidos
 Argumentos parecem da belleza :
 Isto basta , parai , que os entendidos
 Pódem talvez notar vossa estranheza :
 Minhas queixas ouvi , que alivio fôra ,
 Quem naõ pôde fallar , me ouvisse agora .

Parai , broncos penhascos , que o Ceo cria
 Para pardos Atlantes dos retiros ,
 Se vos vence huma liquida porfia ,
 Como já resistis a meus suspiros ?
 Mas oh ! que digo , páre a covardia ,
 Exhale o peito , multiplique os tiros ,
 Duplique amor , dobre o sentimento ,
 Agua nos olhos , nos suspiros vento .

Ferido o coração tribute em fogo
 Undosa prata , derretido alento ,
 Se liquida sangria ao desafogo ,
 Lisongeira lanceta ao sentimento ,
 Se excessivo queixume , ardente rogo ,
 Se verta em nuvem , se distille em vento ,
 Naõ fique planta , que a pesar do espanto ,
 Naõ morra em fogo , naõ se afogue em pranto .

Sejaõ linguas dos olhos mudas aguas ,
 Interpretes da dôr tristes retiros ,
 Eloquencias do peito vivas fragoas ,
 Razões do coraçaõ ternos suspiros ,
 Rhetoricas da pena ardentes magoas ,
 Elegancias de amor dobrados tiros :
 Emmudeça a razaõ , que só parece
 Sabe tambem sentir , quando emmudece.

Distille o coraçaõ , duplique o vento
 Ethnas a seu pesar , aguas ao rogo ,
 Morra por glorias de seu mesmo alento
 Troia nas ondas , e Narciso em fogo :
 Incendios solicite ao sentimento ,
 Diluvios multiplique ao desafogo ,
 Sendo de seu rigor o mesmo ensajo
 Nas causas nuvem , nos effeitos raio.

Naõ cresça lirio , que naõ sinta os tiros ,
 Clavel naõ gire , que naõ pasme em fragoas ,
 O que Phenis naõ fôr entre os suspiros ,
 Morra já Phaetonte sobre as aguas :
 Sejaõ vozes as magoas nos retiros ,
 Que melhor nos retiros se ouvem magoas ,
 Se se pôde na dôr , que amor ordena ,
 Ouvir a magoa , sem sentir a pena.

Naõ reste planta, que se a atreva a tanto,
 Que naõ murche dos ais enternecidos,
 Rosa naõ fique, que a pesar do espanto,
 Se naõ séque lubibrio dos gemidos:
 Em fim duplique a dôr, produza o pranto
 Lastimosos naufragios dos sentidos,
 Seja neste pesar, nesta esquivança
 Charybdes da alma o cabo da esperança.

Mas ai ! que as plantas no desdem da idade,
 Mas ai ! que as flores no rigor de hum vento,
 A naõ serem jasmins na brevidade,
 Naõ seriaõ perpetuas no tormento:
 Só tu, terrivel ancia da saudade,
 Eternisas agora o sentimento;
 Porque quando matar-me amor ordena,
 Me deixas vida, com que o corpo pena.

Quem soubera cuidar, que a mais crescida
 Tyrannia cruel da dôr mais forte
 Fosse, quando nas perdas de huma vida
 Impossiveis sentisse de huma morte:
 Mas he rigor da magoa repetida
 Por industria fatal da iniqua sorte;
 Porque quando talvez matar-me trate,
 Por topar-me sem vida naõ me mate.

E se fôra da vida roubadora
 Esta sorte fatal tormento esquivo ,
 Tivera só por pena matadora
 Qualidades de grande no intensivo :
 Mas naõ , que como amor pretende agora
 Cumular intensões ao sensitivo ,
 Naõ quer , que amor me mate , pois durára
 Muito menos a pena , se matára.

Agora alcançarás , prenda querida ,
 Os rigores de amor na minha sorte ,
 Pois agora me quer roubar a vida ,
 Só por naõ tirar primeiro a morte :
 Mas ai ! que a pena se duplica unida ,
 Mas ai ! que a magoa se eternisa forte ,
 Pois que vejo na dôr do mal esquivo ,
 Que naõ posso morrer , porque naõ vivo.

Mas agora na pena , que me entrega ,
 Vejo , que quer a dôr , e a mais aspira ,
 Que padeça na morte , que o mal nega ,
 E que pena na vida , que amor tira :
 Aqui verás , Ignez , a quanto chega
 Esta pena de amor , que amor conspira ;
 Pois agora naõ sei , no que discorro ,
 Se vivo ausente , nem se ausente morro ,

Mas em fim, que me queixo dos rigores,
 Com que talvez amor me tyrannisa,
 Quando mais martirisaõ seus favores,
 Onde qualquer lembrança os eternisa:
 Pois quando apenas se alentáraõ flores,
 Passáraõ quasi flôr, que se agonisa;
 Por isso a minha queixa mais se ordena
 A sentir seu desdém, que a minha pena.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos,
 Prisaõ da vida, Argel da liberdade,
 Martyrio da alma, guerra dos sentidos,
 Encanto doce da melhor vontade;
 Teus favores só foraõ conhecidos
 Por gentís prendas da mais tenra idade,
 A naõ serem primeiro teus favores
 Seccas espinhas, que animadas flores.

Que cuidados naõ causas, Joven cego?
 Que rigores naõ dás ao pensamento?
 Que delicias naõ roubas ao socego?
 Que lisonjas naõ finges ao tormento?
 A que peitos naõ dás custoso emprego?
 A que vidas naõ tiras doce alento?
 De que genios naõ reinas? de que idades?
 De que prendas gentís? de que beldades?

Quem me disséra , quando Ignez lograva
 Nos carinhos gentís de seus favores ,
 Quando nelles amor idolatrava ,
 Para poder talvez morrer de amores :
 Quem me disséra logo , que aspirava
 Hum caduco prazer a taes rigores !
 Quem me disséra entaõ , que da ventura
 Era mortal delicto a formosura.

Quem disséra , que os laços de alvedriões ,
 Gentís madeixas , onde a natureza
 Repartio liberal por tantos fios
 Os melhores extremos da belleza ;
 Esses agora , que acabáraõ brios ,
 Se arrastaõ já bandeiras da tristeza ?
 Mas que muito , se nunca em seus ensaios
 Nenhum , por louro , se isentou de raios .

Oh bem , que pouco duras possuido !
 Só logras algum ser , quando esperado ;
 Nos molestos receios de perdido
 Tyrannisas o gosto de alcançado :
 Oh sonhada lisonja do sentido !
 Oh mais terrivel ancia do cuidado !
 Flôr , que apenas se vê , quando se chora
 Enteada do Sol , filha da Aurora .

Aquelles olhos , donde o Sol furtava
 Os melhores thesouros da vaidade ,
 E em luzidas capellas consagrava
 Dous Altares amor a huma beldade :
 Aquelles , cuja luz interpretava
 Os occultos archivos da vontade ,
 Estes mesmos erarios da belleza
 Deixa a perder de vista huma fereza.

Oh débil gloria , lisongeiro ensaio !
 Babel da vida , lingua de escarmento ,
 Desfeita sombra do mais breve raio ,
 Quebrado vidro do mais tibio vento :
 Jasmim , que pasma de qualquer desmaio ,
 Cravo , que morres de teu mesmo alento !
 Oh gloria humana ! em fim gloria sonhada ,
 Vida , sombra , jasmim , ou cravo , ou nada.

Aquella bocca , donde a mais lustrosa
 Se divisava purpura incendida ,
 Em quem se vio nascendo a bella rosa
 Com menos folhas , quando mais partida ,
 Agora só se oculta lastimosa
 Em desmaios de neve amortecida ;
 Mas que prenda naõ tem , que formosura ,
 Muito menor a vida , que a ventura !

60.

Lá pertende nascer cravo lusido,
 Mas em casa gentil botaõ fechado ;
 Porque aquella manhã , que o vê nascido ,
 O chorasse primeiro amortalhado :
 Quem , ó purpurea flôr , taõ presumido ?
 Mas quem , cravo gentil , taõ lastimado ?
 Que lhe chegue a tecer a natureza
 A mortalha primeiro , que a belleza .

61.

Aquelle brando aceio da ternura ,
 Aquelle doce Argel da liberdade ,
 Aquelle emblema só da formosura ,
 Aquelle bello encanto da vontade ,
 Aquelle gentil pasmo da ventura ,
 Aquelle rico erario da vaidade ,
 Nos alinhos se vê já confundida ,
 Trofeo da morte , lástima da vida .

62.

Que pouca duraçao , que mal segura ,
 Tem nas prendas da vida huma belleza !
 Só vive , em quanto nasce a formosura ,
 Espira , em quanto vive a gentileza :
 Em fim mais morre , quanto em fim mais dura ,
 Mortalidades traz por natureza ,
 Quanto mais alentada , e mais luzida ,
 Mais accidentes logra , e menos vida .

Mas se saõ melindrosa enfermidade
 Prendas de amor, e dotes de huma vida,
 Que muito, bella Ignez, que essa beldade
 Fosse de teus alentos homicida:
 Comtigo amor te foi no Abril da idade,
 Menos ambiciosa, que atrevida,
 Sem reparar, Ignez, que teus rigores
 Perdessem frutos por cortarem flores.

Mas viverás, Ignez, que amor ordena,
 Nestas memórias, onde a tyrannia,
 Por naõ lograr-se mal a minha pena,
 Debuxa melhor tua galhardia:
 Aqui verás, Ignez, se me condenma
 Amor, que por tyranno se avalia,
 A fazer impossiveis, pois discorro,
 Viver lembrado, quando ausente morr.

Aqui passo talvez a mais querer-te,
 Onde chego mais fino a mais lembrar-me,
 Porque forão distancias de naõ vêr-te,
 Incentivos talvez para olvidar-me:
 Mas nem tópo motivos de perder-te
 Nesses teus infalliveis de deixar-me,
 Que sendo vida minha, só pudéra,
 Por perdida julgar-te, se eu morrêra.

Morra no rambilhete flôr covarde
 A que rosa nasceo mais alentada ,
 Vomitando rubins , pague na tarde
 Quantas perlas bebeo na madrugada :
 Seja bruto fiscal de tanto alarde
 O mesino dia , que a chorou cortada ;
 Que nenhuma manhã , nem tarde temo
 Contas possa tomar de tanto extremo.

Assim se queixa Pedro , quando ausente
 Daquellas prendas nunca mais queridas ,
 Pois amor , que lembradas as consente ,
 As pintou bellas , quando as vio perdidas :
 Quando nas penas , que dobradas sente ,
 Quando nas queixas , que repete unidas ,
 Já desmaiado pasma , porque ordena
 A mesma queixa , que se calle a pena.

Qual o lirio gentil nas mãos da tarde ,
 Quando fragoas se alenta , incendios gira ,
 Funesta vida de seu mesmo alarde ,
 Bebendo raios abrazado espira :
 O que roixo matiz apenas arde ,
 Parda nuvem murchando se retira ,
 Em quanto a Aurora tarda , que de hum raio
 Lhe corta galas para novo ensaio.

Em fim Pedro se calla , e naõ consente
 Os sentidos queixumes , que derrama ,
 Que se vive queixoso quem mais sente ,
 Põe limite nas queixas quem mais ama :
 Mas aqui lhe concede amor presente
 Aquellas prendas , com que mais se inflamma ,
 Que saõ talvez motivos do socego
 As memorias gentis do doce emprego.

Agora humanas prendas (se entendidas)
 O desdem desprezai da infesta sorte ,
 Que naõ duraõ tão pouco as vossas vidas ,
 Que naõ saibaõ passar além da morte :
 Attentai (se notardes advertidas)
 Que naquelle de amor rigor mais forte ,
 Acontece o da misera , e mesquinha ,
 Que depois de ser morta , foi Rainha .

Catalogo de alguns Livros que ha para vender nas lojas de Joaõ Henriques, na Rua Augusta N.^o 1, e de Bertrand, aos Martyres.

Arte Poetica de Boileau. Traduzida do Fran-
cez pelo Excellentissimo Conde da Ericei-
ra. Acompanhada a dita Traducçao com a
Carta que Boileau escreveo ao Excellentis-
simo Conde , agradecendo-lhe a bella Tra-
ducçao que lhe remettéra da sua Arte Poe-
tica , em 8.^o 1818. br. 200

As Tristes Narrações de hum Solitario , ou o
tragico fim da desgraçada Sofia. Historia
Moral , em que se mostra quanto pôde a
força da primeira inclinaçao , e paixaõ de
dous Amantes , ligados pela virtude , e
desunidos pela violencia. Nova Ediçao ,
em 8.^o 1818. br. 200

Amor , e Probidade , Novella extrahida de
hum Romance em Cartas , com o mesmo
titulo em Alemaõ. Dada á luz por A. M.
da C. S. , em 8.^o 1818. br. 320

**Henrique , e Emma , Poema de Prior , imi-
taçao da Bella Brune de Chaucer. Tradu-
zido em Portuguez , em 8.^o 1818. br. 200**

**Sepultura de Lesbia , Poema em XII Pran-
tos , por Thomaz Antonio dos Santos e Sil-
va. Segunda Ediçao , em 8.^o 1818. br. 240**

O Escravo das Paixões, ou o Principe de Moravia. Anecdota Historica, traduzida do Francez por Francisco de Paula e Oliveira, em 8.^o 1818. br. 240

Vestinia, e Astor, ou o Amor generoso. Conto Moral, traduzido do Francez, e acompanhado de outro pequeno Conto, que tem por titulo: Amor offendido, e vingado, em 8.^o 1818. br. 240

Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Autores Selectos, que trataõ de Fysica, Pintura, Arquitectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido do Castelhano em Portuguez, em 8.^o dous Vol. 1818. br. 480

O Perigo das Paixões; Conto Allegorico, e Moral, para servir de Liçaõ á Mocidade, com huma Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Ediçaõ, em 8.^o 1818. br. 240

Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Roberto, o Provençal, escrita por elle mesmo, em 8.^o 1818. br. 240

O Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance. Historia traduzida do Inglez em Lingua Portugueza. Segunda Ediçaõ, em 8.^o dous Vol. 1818. br. 480

As Desgraças de Iddalina, pelo Crime Indiscreto do Conde Tokenburg. Historia Alemã, em 8.^º 1818. br. 240

A Afflição Confortada: Dirigida á Virtude da Paciencia, por Joaõ Baptista de Castro. Quarta Edição, em 8.^º 1818. br. 240

Aforismos Moraes, e Instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c. Obra util a todo o genero de pessoas, onde se achaõ documentos necessarios para a boa instruccion da vida civil, e recreio honesto para toda a qualidade de pessoas. Compilados de differentes, e excellentes Autores. Nova Edição, em 8.^º 1818. br. 300

Laura, e Inesilla, ou as Orfãs Hespanholas. Historia de Mr. Desfontaines, traduzida em Portuguez. Nova Edição, em 8.^º 1818. br. 240

Arte de Conhecer os Homens, escrita em Francez pelo Abbade de Bellegarde, e traduzida em Portuguez. Nova Edição, em 8.^º dous Vol. 1818. br. 480

Compendio de Arithmetica, para uso das Primeiras Escolas, composto por * Nova Edição, em 8.^º 1818. br.** 240

Methodo Grammatical, resumido da Lingua Portugueza, Composto por Joaõ Joaquim Casimiro, Professor de Grammatica. Nova Edição, em 8.^º 1818. br. 240

As Mulheres Célebres da Revolução Fran- ceza , ou o Quadro Energico das Almas Sensiveis , em 8.º dous Vol. 1818. br. 360	
Fabulas Literarias de D. Thomaz Yriarte , traduzidas do Castelhano em Portuguez. Nova Edição , em 8.º 1818. br. 200	
Contos Filosoficos para Instrucção, e Recreio da Mocidade Portugueza , por Francisco Luiz Leal , Professor Regio de Filosofia , em 8.º dous Vol. 1818. br. 300	
Julia , Historia Instructiva , em 8.º 1817. br. 100	
Breve Tratado do Jogo do Whist , que con- tém as leis do Jogo , e algumas regras , pe- las quaes se pôde conseguir o joga-lo bem , addicionado com duas computações : hu- ma sobre as apostas em qualquer ponto do Jogo ; e outra para dar a conhecer ao par- ceiro huma , e mais cartas. Traduzido da Lingua Ingleza , sobre a oitava Edição de Londres , na Portugueza. Segunda Edição , em 8.º 1818. br. 240	
Elvira , Historia Instructiva , e Moral , em 8.º 1817. br. 30	
Viola de Lereno : Collecção das suas Canti- gas , offerecidas aos seus Amigos , outo Fo- lhetos em 8.º 1819. br. 480	
O Perigo de Contrafazer as Vocações. Anec- dota traduzida do Francez , em 8.º 1819. br. 60	

Apologia das Mulheres, obra moral, em que se mostra com exemplos extrahidos da Historia tanto antiga como moderna, que elles saõ susceptiveis de virtudes Religiosas, Politicas, Guerreiras, Literarias, e Sociaes no grão mais eminentes, e que conformando se ao espirito predominante dos Seculos, conseguiraõ, naõ poucas vezes, a gloria de dominarem nelles, por M. Thomaz. Traduzida do Francez, em 8.^o 1818. br. 320

Prazeres da Imaginaçao, ou **Quadro Recreativo**, e **Scientifico**: Tudo extrahido de diversos Authores tanto antigos como modernos. Obra que contém: — Anecdotas — Factos singulares, e caracteristicos — *Historietas* — Lembranças felizes — Repentes Engenhosos — Moralidades — Usos, e Costumes de Póvos — Sentenças — Antiguidades — Modelos de Eloquencia — Curiosidades Scientificas — Contos para rir — Proezas Militares — Origem de muitos Inventos, &c. &c. 4 Vol. em 8.^o 1818 br, 1200



